



METODOLOGIA PARA O ENSINO DO JORNALISMO: O pioneirismo de Luiz Beltrão no CIESPAL aplicado na atualidade¹

Rose Mara Vidal de Souza²
Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

Neste trabalho, destaca-se o espírito inovador de Luiz Beltrão e como ele apresentou à sociedade a didática do jornalismo. O estudo tem como base o Curso de Metodologia do Ensino da Técnica de Jornal, ministrado por Beltrão em Quito, capital do Equador, em setembro de 1963 e realizado pelo CIESPAL - Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina. O estudo conclui que apesar de imbróglis pertinentes a carreira acadêmica, as contribuições de Beltrão sirva para reflexão e aberta às iniciativas que visam o aperfeiçoamento do ensino do jornalismo, antes de tudo, uma troca de pontos de vista, uma exposição e crítica de métodos de aprendizagem.

Palavras-Chave: Jornalismo; Técnicas de Jornal; pensamento comunicacional; imprensa.

1 INTRODUÇÃO

Vivenciamos há poucos meses a queda da obrigatoriedade do diploma de jornalista. O poder judiciário do Brasil achou que é desnecessária a formação específica em jornalismo para levar informação à população. Fomos comparados a profissões técnicas como cabeleireiros e manicures. Uma atitude que nos causa desconforto, e a certeza da regressão. Pois em meados do século XX, na década de 1960, um pernambucano chamado Luiz Beltrão começou sua longa jornada pela regulamentação profissional para a categoria.

Os sonhos do menino que veio de Olinda iam muito além do que era apenas um bico para a época. Beltrão dedicou sua vida inteira ao jornalismo e pioneiramente lançou livros, artigos, seminários e cursos aqui e no exterior. Apresentou a sociedade à didática do jornalismo, à metodologia dessa profissão tão intrigante e humanística.

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, com MBA em Marketing Político pela Universidade Católica de Brasília, graduada em jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins. rosevidal@yahoo.com.br



Um destes cursos foi o ministrado em Quito, capital do Equador, em setembro de 1963. Realizado pelo CIESPAL - Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina, o *Curso de Metodologia do Ensino da Técnica de Jornal*, teve seu original com 129 páginas datilografadas, resgatado recentemente pela equipe da Cátedra da Unesco, depois de passar por tratamentos especiais foi digitalizado para garantir a memória da obra.

Dividido em duas partes, o curso explora a parte teórica e em um segundo momento a parte prática. Na primeira parte Beltrão aborda sobre o ensino da técnica de jornal na universidade, organização dos currículos e seleção de métodos, processos didáticos para fixação da aprendizagem, problemática e métodos de verificação da aprendizagem. Já na segunda parte o professor dá uma receita de como fazer aplicação do Método analítico, aplicação do Método analítico-experimental, aplicação de Métodos socializados e aplicação de Métodos expositivo – analítico.

Neste artigo vamos apresentar um pouco sobre este trabalho de Beltrão e sua surpreendente atualidade apesar de beirar o meio século de existência.

VIDA

Em 8 de agosto de 1918, na capital do carnaval pernambucano, Olinda, nascia Luiz Beltrão de Andrade Lima. Com um legado inteiramente dedicado ao jornalismo, atividade que iniciou em 1936, na reportagem do Diário de Pernambuco, atuou em vários órgãos da imprensa pernambucana e tornou-se líder sindical da categoria, alcançando projeção nacional. Ao participar de congressos jornalísticos no país e no exterior, escreveu ensaios e monografias em que refletiu criticamente sua profissão e seu impacto na sociedade.

Na época em que foi escrito o clássico “Iniciação à Filosofia do Jornalismo” (1960), o autor acreditava que deveria haver formação de nível superior, mesmo que não fosse exatamente em jornalismo. Para a época a profissão era um “bico”.

Ele considerava que as elites dirigentes brasileiras tinham despreço pela categoria. Elas (as elites) investiam em todos os setores, menos em montagem de fábricas de máquinas e peças gráficas, transmissores e receptores de rádio e televisão, projetores de cinema, aumento da produção de papel imprensa, de películas de celulóide e outras matérias-primas de que necessitam os veículos jornalísticos para cobrir com eficiência o vasto território nacional.



Com efeito, as deficiências da formação profissional dos jornalistas brasileiros, numa época em que todos os ofícios exigiam preparo e especialização, imprimem o seu espírito um complexo de inferioridade, que se manifesta na desorientação, no baixo nível cultural e mesmo técnico do nosso jornalismo, na falsa concepção de direitos e deveres dos nossos órgãos de divulgação. Improvisam-se jornalistas e técnicos de jornal à base, apenas, de um período de treinamento nas redações ou na reportagem (BELTRÃO, 1990, p.30).

Beltrão chama atenção para um dos fatores que se repete até os dias atuais. “Qualquer semiletrado se arvora em profissional, na maioria dos casos atraídos pelo “prestígio” de que gozará e pelos teóricos privilégios que o Estado lhe confere” (BELTRÃO, 1990, p.30). Ele enfatiza que é direito da sociedade receber informação apurada por profissionais com formação teórica, técnica e ética, capacitados a exercer um jornalismo que efetivamente dê visibilidade pública aos fatos, debates, versões e opiniões contemporâneas.

Para ele, os brasileiros merecem um jornalista que seja, de fato e de direito, profissional, que esteja em constante aperfeiçoamento e que assuma responsabilidades no cumprimento de seu papel social.

A manutenção da exigência de formação de nível superior específica para o exercício da profissão, portanto, representa um avanço no difícil equilíbrio entre interesses privados e o direito da sociedade à informação livre, plural e democrática. Beltrão enfatizava este problema ao Brasil. Ele afirma que enquanto em todo o mundo procura-se educar o jornalista para o exercício da liberdade e da profissão, entre nós relega-se a plano secundário a sua formação científica e técnica.

Com o livro *Iniciação a Filosofia do Jornalismo*, Beltrão abriu caminho para uma literatura jornalística especializada, didática, que adotava como referência os principais conceitos da bibliografia internacional, adaptados à realidade nacional.

A trilogia *A imprensa Informativa* (São Paulo, Folco Masucci, 1969); *Jornalismo Interpretativo* (Porto Alegre, Sulina, 1976) e *Jornalismo Opinitivo* (Porto Alegre, Sulina, 1980); mais *Técnicas de jornal*, publicado pelo Ciespal em 1964, demonstram a preocupação de Luiz Beltrão na sistematização do conhecimento oferecido em suas aulas, como docente em diversas faculdades de comunicação.

Em *O jornalismo Interpretativo* retoma a prática de associar o ensino à pesquisa, voltando às técnicas de jornalismo comparado (análise morfológica e de conteúdo), para revelar os aspectos do jornalismo interpretativo que estava sendo praticado na ocasião.



Beltrão ainda escreveu sobre Teorias da Comunicação de Massa e foi o primeiro brasileiro a criar uma teoria de comunicação. Em 1980, publicou *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*, no qual discute a separação e até o confronto entre dois sistemas de comunicação: o da elite aquele do qual fazemos parte, os que temos acesso ao livro, aos meios de comunicação digitais, à informação pública; e, o outro, o dos abandonados, os sem-livros, sem vez, sem voz, os excluídos.

A atualidade dos estudos desse pioneiro tem suscitado diversos grupos de pesquisa não só no Brasil, mas em países da Europa. Em Portugal os estudos Folkcomunicacionais foram incorporados como patrimônio cultural brasileiro, nos campos das pesquisas da Lusofonia.

Em 1985 ficou paralítico das pernas devido a um acidente vascular cerebral ocorrido no palco, quando dramatizava um conto para cerca de 40 pessoas na pequena sede da Associação Nacional de Escritores em Brasília, da qual era diretor.

Mesmo em cadeiras de rodas e contra expressas ordens médicas, lançou *Subsídios para uma teoria da comunicação de massa*, com grande festa no auditório de Centro Universitário de Brasília. No dia 24 de outubro de 1986, aos 68 anos, morreu no Hospital das Forças Armadas, na capital da República, deixando um imenso legado intelectual.

APRENDIZAGEM DO JORNALISMO NA UNIVERSIDADE

De acordo com o Ministério da Educação existem atualmente (2009) cerca de 470 escolas de Jornalismo distribuídas pelo país. Por elas são graduados quase 12.000 jornalistas anualmente. Mas em 1963, de acordo com o CIESPAL, desde o México até a Argentina, a América Latina possuía apenas 43 escolas de jornalismo, das quais 12 estavam no Brasil. De acordo com o texto de Beltrão, a formação profissional universitária de jornalistas na América Latina começou na Argentina, em março de 1935, com a criação da *Escuela Argentina de Periodismo*, resultante de um convênio entre o Círculo de Jornalistas da Província de Buenos Aires e a Universidade Nacional.



O curso destaca a luta dos jornalistas desde os Estados Unidos com Pulitzer e Rollins³ até a obrigatoriedade de diploma universitário de “bacharel em jornalismo”, instituído no Brasil por uma lei de 1943 (Governo de Getúlio Vargas), que não funcionou muito, pois não havia universidades suficientes e só aumentavam o número de jornalistas. Dezenove anos depois, no governo de JK, o Decreto n. 1.177, de 12 de junho de 1962, baixado pelo Presidente do Conselho de Ministros “regulamentava” as condições de ingresso na vida profissional do jornalista.

Só poderia exercer o ofício quem possuísse o Registro da Profissão Jornalística (retirado junto ao Ministério do Trabalho). Assim, para obter o almejado registro só existiam dois caminhos (até 17 de junho de 2009): a) – o diploma de Curso de Jornalismo realizado em escola oficial ou reconhecida, de nível universitário, sujeito à competente revalidação quando expedido por escola estrangeira ou b) – prova de estágio de trinta e seis meses consecutivos ou de quarenta e dois meses interrompidos e limitados ao período total de quarenta e oito meses em empresas jornalísticas, devidamente comprovado. Beltrão (1963:4 e 5) aponta a fragilidade do ensino superior em Jornalismo na América Latina:

Pois é bom repetir, aqui, a lição do mestre Danton Jobim, no Seminário sobre a Formação de Jornalismo, realizado nesta cidade de Quito, em 1958: “Tem-se mantido (no Brasil) com segurança o critério de que o nível de instrução ministrado deve ser o universitário ou de ensino superior e não o de um curso para simples formação de práticos em jornalismo. Um jornalista – esta é a opinião generalizada – tanto precisa de conhecimentos básicos para sua profissão como de uma cultura geral de nível universitário...Escolas de Jornalismo do tipo da Graduate School”, da Universidade de Columbia (apenas um ano de estudos rigorosamente reservados ao aprendizado da profissão) não são aconselháveis em países como os da América Latina, onde as disciplinas do curso secundário são em geral, deficientemente ensinadas.” (“Espírito do Jornalismo” – Rio, 1960 – pag. 243)..

A ampliação dos cursos de jornalismo não se limita apenas à parte acadêmica do jornalista, mas na época e até os dias atuais a população dá seu devido valor ao portador de diploma, como Luiz Beltrão exemplifica “O que José da Silva diz pode ter seu valor, mas não se mede na mesma medida do que escreve o Dr. José da Silva” (Beltrão, 1963:

³ Respectivamente: Fundador da Universidade de Missouri, de instituir ali um curso de jornalismo



6). Como acreditar em uma pessoa que escreve sobre determinado assunto se nem domínio curricular ela tem? A presença de colunistas que não são jornalistas deve aumentar significadamente após a queda do diploma e a produção e as técnicas que são exigidas no trato da informação serão esquecidas, então geraremos outro fator, será que a população vai entender o que está lendo, ouvindo e vendo?

No curso ministrado em Quito, o professor Beltrão já levantava a importância desses fatores na formação de profissionais, que só na Universidade seria oferecido conhecimentos da técnica da colheita, redação, interpretação seleção e apresentação gráfica da notícia, pela utilização de métodos e processos racionais e práticos, e, simultaneamente, das ciências e das artes que lhes elevem o nível cultural. Além de promover e desenvolver pesquisas e análises sobre os meios de comunicação das massas, baseados nos modernos métodos de investigação e com emprego de instrumental adequado, visando não somente a melhoria dos padrões técnicos da imprensa da sua região ou país como a sua maior influência na formação da opinião pública e por último os cursos de jornalismo funcionariam como um núcleo de renovação dos processos jornalísticos, servindo de laboratório para experimentações de forma (gráficas) e de conteúdo (redacionais) das matérias, secções e serviços que a comunidade espera encontrar nos veículos de publicidade.

Baseado na sua experiência de repórter (que exerceu desde 1937), Beltrão ressaltava que a disciplina *Técnica de Jornal* não pode ser limitada a exercitação de processos e normas para a colheita de notícias, para ele, o professor tinha que dar ao aluno de jornalismo vivência profissional, não ter a disciplina apenas como teoria, tinha que ter integração do discente a sua época (contexto histórico) e a sua gente (comunidade). Além de integrar com as demais disciplinas que esteja cursando. Pensamento altamente esquecido em algumas universidades brasileiras, onde se isolam cada vez mais as disciplinas teóricas tornando-as maçantes para os alunos que não vêem aplicabilidade nenhuma no seu ofício futuro.

Outra relação que o professor destaca é a infra-estrutura dos cursos, Beltrão relata que na sua escola em Recife (na década de 1960) não possuía laboratório fotográfico, material didático essencial, literatura adequada e recursos financeiros que permitam desenvolver um plano de estágios externos e manter mesmo a publicação de um semanário, na impossibilidade de editar um diário, como no modelar curso de Missouri (USA). E o professor desabafa: “Como ensinar a preparar um jornal diário em tais condições desfavoráveis?”. Ao ler este trecho pensei que o nobre professor



trabalhava em uma das nossas Universidades Federais ou em algumas particulares. Pois a situação não mudou, como no mês de setembro de 2009 em Palmas, capital do Tocantins, um estado da região norte do Brasil, onde os alunos e os professores paralisaram as aulas por uma semana em sinal de protesto contra as más condições do curso, haja vista que a autora que vos fala, bem conhece aquela realidade já que se formou lá, fiz as disciplinas de edição, telejornalismo, som e imagem só imaginando como seriam os equipamentos, nem mesmo computadores tínhamos, eram três máquinas para 35 alunos. O assunto foi debatido amplamente em Quito e concluído que essa não era uma realidade nacional, mas em toda a América Latina.

AVANÇOS E ESTAGNAÇÕES

Apesar do quadro citado acima, ocorreram alguns avanços com o passar do tempo, como por exemplo, a estrutura universitária brasileira do curso. Na época o ensino de jornalismo não era ministrado em escolas ou faculdades próprias, mas em cursos das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Além da duração que era de 3 anos distribuídas em séries. No curso do CIESPAL, Beltrão apresenta a grade do curso com disciplinas pouco diferentes das atuais (BELTRÃO, 1963:17 e 18):

1ª série:

- 1 – Técnica de jornal (3 horas semanais)
- 2 – Português (2 horas semanais)
- 3 – História da Imprensa (2 horas semanais)
- 4 – História do Brasil (2 horas semanais)
- 5 – Geografia Humana do Brasil (2 horas semanais)
- 6 – Inglês ou Francês (2 horas semanais)

2ª série:

- 1 – Técnica de jornal (3 horas)
- 2 – Administração de jornal (2 horas)
- 3 – Legislação de imprensa (2 horas)
- 4 – História da civilização contemporânea (3 horas)
- 5 – Literatura (2 horas)
- 6 – Ética geral (2 horas)
- 7 – religião (1 hora)



3ª série:

- 1 – Técnica de jornal (3 horas)
- 2 – Rádio e telejornalismo (3 horas)
- 3 – Publicidade (2 horas)
- 4 – Ética profissional (2 horas)
- 5 – Psicologia social e relações públicas (2 horas)
- 6 – História das artes (2 horas)
- 7 – Estudos econômicos e sociais (2 horas)

Atualmente, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil, o currículo dos cursos de Jornalismo deve incluir, pelo menos, as seguintes disciplinas:

- 1 -Realidade Socio-Econômica Brasileira
- 2 - História da Comunicação
- 3 - História do Jornalismo
- 4 - Técnica de Reportagem
- 5 - Técnica de Redação
- 6 - Diagramação
- 7 -Radiojornalismo
- 8 -Telejornalismo
- 9 - Jornal Laboratório
- 10 -Projeto Experimental em Jornalismo
- 11 - Ciberjornalismo

Desde 1999 não há Currículo Mínimo para os Cursos da área de Comunicação no Brasil. A partir do Seminário sobre as Diretrizes Curriculares realizado na PUC-Campinas, promovido pelo Fórum Nacional de Professores de Jornalismo e Federação Nacional dos Jornalistas as IES tem liberdade para organizar a estrutura curricular dos Cursos de Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade/Propaganda, Cinema, Editoração e Rádio e TV.

É comum, no ensino brasileiro de Jornalismo, o debate da teoria privilegiada em detrimento da prática, ou vice-versa. As críticas mais comuns são de que o ensino não é orientado para as demandas do mercado e que os acadêmicos da área não se adaptam às mudanças frequentes da prática profissional. Por outro lado, também é frequente o



comentário de que a função da universidade é ser espaço para experimentações, e não para repetição de cânones pré-existentes.

Muitos dos professores de Jornalismo nas universidades públicas brasileiras não são jornalistas por profissão, vindo de outras áreas de Ciências Humanas, como Sociologia, Filosofia, Linguística, Economia e Direito. Beltrão defendia o estágio como forma de dar ao aluno vivência profissional pela sua integração no cotidiano palpante da comunidade. Os alunos faziam visitas periódicas de observação e estudo à instituições públicas e privadas (estágios), tais como a Universidade Rural, Câmara de Deputados, Movimentos de Cultura Popular (serviço educacional para crianças e adultos no município do Recife), a Penitenciária Agrícola, indústrias de óleos vegetais, fiação e tecelagem, moageira de trigo e milho, cooperativa dos produtores de açúcar, órgão de fomento à produção artesanal e companhia distribuidora de combustíveis líquidos. Dessas visitas resultam entrevistas, debates, redação de reportagens e comentários, que são publicados na imprensa local ou nos jornais e revistas editados pela Universidade. Hoje dificilmente os alunos de universidades fazem este tipo de atividade, aliás nem estágio é obrigatório em cursos de jornalismo.

Para a publicação dessas matérias na Universidade o professor sugere que seja criado um *jornal cobaia*, onde os alunos podem treinar exaustivamente e só depois na última série escrever para o jornal laboratório do campus.

No uso dos métodos baseados na linguagem didática (a que nenhum professor em nenhuma disciplina pode fugir), Beltrão diz que o jornalista precisa possuir o senso da medida, não se deixando empolgar pela tentação do brilho oratório. Na verdade, uma das principais acusações que os estudantes formulam, no Brasil, ao ensino de jornalismo é o de ser excessivamente acadêmico. Este fato exposto pelo professor é comprovado em pesquisa realizada na Universidade de Brasília na década de 1980, onde mais de 70% dos alunos escolheram o curso de jornalismo porque pretendiam ser âncoras ou repórteres de TV.

A VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A verificação da aprendizagem dos discentes, talvez seja o calcanhar de Aquiles para muitos docentes do jornalismo, primeiramente porque não temos formação didático-pedagógica na graduação e em raros casos na pós-graduação e, agora, segundo Beltrão porque a forma como avaliamos os alunos tende a pecar, pois não há



acompanhamento durante todo o período letivo e avaliações dosadas. O professor sugere que se organize “pontos” – isto é, uma relação de assuntos e itens de maior significação da matéria ministrada no período abrangido pela prova, a fim de que o aluno não seja surpreendido por matéria a que não deu importância e que, como em uma cilada, o professor dele irá exigir no exame. “Destes pontos, extraímos cinco questões, das quais pelo menos três práticas, com valor pré-determinado e conhecido pelos alunos. O tempo para a realização da prova será dado com margem suficiente a que o aluno responda às questões sem atropelo ou nervosismo (BELTRÃO, 1963:47)”.

Em relação à aplicação testes e provas as questões devem ter as seguintes características: imparcialidade, ou seja, as mesmas questões para todos os alunos; equidade – o mesmo tempo para resposta às mesmas perguntas; impersonalidade, no sentido de que, após o sorteio do ponto e das explicações destinadas a toda a classe, estabelecia-se rigoroso silêncio e não dávamos instrução particular a qualquer aluno. A simulação de uma redação em sala de aula, também foi uma atividade inovadora do professor, que em junho de 1963 transformou a sua turma numa grande redação, que foi inclusive transmitida via TV. A atividade amplia a sensação do aluno de estar realmente exercendo sua futura profissão.

Jornal, estilo e outros ingredientes

Beltrão nessa etapa do curso do CIESPAL fala que os professores tem que mostrar o jornalismo como informação, orientação e instrução. “Como os áugures, entretanto, os jornalistas são procurados e ouvidos: é que jogam com os sucessos da atualidade, que recolhem e escolhe na imensa variedade da sua periódica sequência para, interpretando-os, servi-los a toda gente, na certeza de que ‘não se pode mover o ânimo dos povos senão com os fatos do presente’ – como proclamava aos seus companheiros um dos conjurados da Inconfidência Mineira, a primeira conspiração para a Independência do Brasil” (BELTRÃO, 1963:70).

Em seguida ele enumera os cinco princípios universalmente aceitos como característicos e fundamentais do estilo jornalístico, a redação jornalística deve ter: parágrafos curtos; construção clara e simples; começar por uma frase decisiva; ser precisa no vocabulário e sóbria na adjetivação; contribuir para elevar e não para degradar o idioma. Após a explanação o docente deve exemplificar através de análise de textos ou citando exemplos para a classe. Técnica altamente didática e quase não



executada hoje em dia, onde se resume ao professores explicar durante várias horas a teórica sem praticidade nenhuma em contrapartida obtém-se uma turma passiva e sonolenta.

Beltrão esmiúça os gêneros jornalísticos como a crônica, a grande reportagem, o artigo, os tipos de descrição jornalística, etc. Descrevendo passo a passo as diferenças e onde devem ser utilizados. O professor utiliza métodos alternativos como desenhos, pinturas, músicas para melhor fixação do conteúdo.

A notícia é a pedra de toque da construção jornalística. Editoriais, artigos e crônicas, certos tipos de entrevistas, fotografias e outras ilustrações, correspondências do leitor, campanhas promocionais e em alguns casos até mesmo os anúncios e as seções de passatempo – são sub-produtos da notícia. Assim, toda a imensa variedade que o jornal apresenta para informar, orientar e instruir se origina da NOTÍCIA, que é a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem. (BELTRÃO, 1963:84)

Em seguida ele descreve as características das notícias (imediatismo, veracidade e exatidão, universalismo, popularidade e especialização) e os critérios de identificação e julgamento das ocorrências de interesse e importância para o leitor (proximidade, proeminência, conseqüências, raridade, conflito, idade e sexo, progresso, comédia e drama, política editorial e exclusividade).

O professor explica ainda sobre a classificação das notícias e detalha o “lead” que nada mais é que as informações básicas da informação. Parece muito óbvio, mas sabemos que em sala de aula e mesmo após formados, muitos jornalistas sentem imensa dificuldade neste fundamental quesito. Para o professor pernambucano a insegurança da inexperiência contribui para esta situação do foca (repórter estreante) ou aluno. Mais um motivo para que o *jornal-cobaia* seja imprescindível no aprendizado do discente. Em matérias práticas como técnicas de redação ou mesmo assessoria de imprensa que se empregam o *release*, há universidades que colocam apenas um texto por semestre. Parece difícil de acreditar mas no Brasil existem vários casos assim.

Outro ponto de extrema relevância no *Curso de Metodologia do Ensino da Técnica de Jornal* ministrado por Luiz Beltrão é no que diz respeito à entrevista e as reportagens policiais. O foco da entrevista é o entrevistado, parece óbvio, no entanto



presenciamos hoje em dia o entrevistador destacando-se muito mais que seu entrevistado, será a *síndrome do estrelismo* a qual Beltrão se refere no início do curso? O professor diz que as respostas sempre devem estar subordinadas às perguntas, uma vez que os leitores estão mais interessados nas palavras do entrevistado do que na nossa iniciativa. Algumas vezes, as perguntas podem ser incorporadas às respostas; outras, meramente sugeridas e não raro inteiramente omitidas.

Passando adiante Beltrão nos mostra a aplicação de métodos socializados na reportagem policial. A aula abrange a explicação do que é organismo policial civil e militar, o sistema assistencial público, os juízos e côrtes da justiça criminal, normas gerais para a cobertura dos fatos policiais até as normas específicas para o trabalho de repórter relacionado a homicídios e suicídios. O professor explica com imensa clareza de detalhes o que é, como fazer e o que não se deve fazer. A didática aplicada nesse tema fica por conta de tarefas de análise de casos históricos para reconstituição jornalística e uma reportagem policial nos diários da comunidade. As grades dos cursos atuais de jornalismo dificilmente permitem essa especialização da notícia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em outros tempos assisti ao longa norte-americano “Ao mestre com carinho”, penso que aqui no Brasil este filme mereceria um *remake* estrelado por Luiz Beltrão. A visão empreendedora, acadêmica e didática é inegável do mestre. As diversas contribuições que ele presta a uma área esquecida no jornalismo.

Suas observações feitas há 46 anos são tão atuais, mas mesmo assim deixadas de lado. Como diria o professor José Marques de Melo, “formam-se tantos soldados, mas sem capitães...”. A universidade deveria ser o espaço onde os alunos tivessem a oportunidade de errar, opinar e escolher, já que o mercado é altamente capitalista e impiedoso. O que fazemos hoje em sala? Apenas demos “o básico” para que eles aprendam na prática “o tudo”? Este é o papel da universidade? Penso que não. Penso que precisamos assim como Beltrão nos entregarmos ao nosso sacerdócio, buscar o melhor para repassarmos aos nossos alunos.

Apesar da dependência dos nossos sistemas educacionais, do equipamento das nossas universidades e, sobretudo, da realidade econômica das empresas jornalísticas,



esperamos que o pensamento de Beltrão sirva para reflexão e aberto às iniciativas que visam o aperfeiçoamento do ensino do jornalismo, antes de tudo, uma troca de pontos de vista, uma exposição e crítica de métodos de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Jorge. **Luiz Beltrão**, as múltiplas faces de um pioneiro. In: MARQUES DE MELO, José. *Imprensa Brasileira: personagens que fizeram história*, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. Vol. 2

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo, Edusp. 1990. 200 p.
_____, **Metodologia do Ensino da Técnica de Jornal**, Quito – Equador, CIESPAL, 1963.

LEAL, Maria de Jesus Daiane Rufino & SOUZA, Rose Mara Vidal de. **A Concepção de Imprensa Brasileira no Século XX**: A visão de Rui, Jobim, Beltrão e Lacerda, Artigo Científico apresentado no GP História do Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba-PR, 2009.